

OS COMPOSITORES

07/12/1997

Manuscrito Consuelo Lelis

Dissemos tempos atrás que no século XIX a Itália e a França monopolizaram os seus interesses musicais em torno do melodrama: a Itália por motivo dos interesses nacionais no processo de libertação do domínio estrangeiro e de unificação; a França pelo gosto faustoso e coreográfico de uma burguesia enriquecida com a restauração.

A reação não demorou para verificar-se, e na França foi rotulada de "renouveau". do qual as duas almas foram Camille Saint-Saëns e Cesar Franck.

O primeiro, grande técnico e embora um pouco frio ainda na sua austeridade de organista, importante no terreno da ópera por uma admirável Sansão e Dalila.

O segundo, uma das figuras mais importantes de toda a história da música francesa, apesar de ser belga de nascimento mas radicado em Paris até a morte.

Cesar Franck, que nasce na Bélgica em 1822 e morre em Paris em 1890. Por muitos motivos se aparenta a Johannes Brahms. Como esse, não escreve óperas e na música instrumental funde formas de herança clássica com uma sensibilidade de extremo romantismo, que prega um cromatismo de natureza wagneriana com novos objetivos.

É um homem sério e austero, organista de profissão na Igreja da Madeleine, vivendo toda a sua existência entre a igreja e a família, longe de qualquer manifestação de sociabilidade mundana, como tal é necessariamente um compositor da maturidade sendo que suas grandes obras pertencem à segunda metade de sua vida.

O organista é presente, como na obra de Bruckner, na intensidade do movimento contrapontístico das partes e na austeridade da concepção sonora. Mas ao lado disto e ao lado do tranquilo pai de família há um componente de intensa e com certeza inconsciente sensualidade que pervade todas as suas composições dando a elas uma cor de profunda humanidade.

Como Brahms, para ele cada obra é um problema, um novo objetivo a ser encarado com extrema seriedade. E nisso ele chega ao cúmulo de escrever uma obra de cada gênero: uma sinfonia, uma sonata, um concerto, um trio, um quarteto e um quinteto. A isso acresce um número variável de valiosíssimas obras menores para piano e órgão e algumas obras com intervenção de vozes, tais como o oratório "Les Béatitudes". E mais, ele leva às últimas consequências o conceito da forma cíclica, fazendo com que os temas dos vários movimentos sejam gerados por não mais que duas ou três células germinais. Com isso as obras alcançam uma incomparável unidade.

Vamos ouvir o 1º movimento da sinfonia em ré. Como em Brahms, aqui também tudo é maravilhosamente calculado, tudo é resultado de um intenso trabalho, e nenhuma nota poderia ser acrescentada ou eliminada.

A respeito da geração cíclica, observem como o tema inicial do primeiro movimento e o inicial do segundo sejam o mesmo tema, com tais mudanças de ritmo e de caráter que fazem com que nos pareçam dois temas de natureza completamente diferente.

Música - Sinfonia em Ré, 1º movimento, Filarmônica do Sul da Alemanha, regente Henry Adolph.

Como já acenamos, o tema inicial do 2º movimento, introduzido por um pizzicatto de cordas e confiado inicialmente ao corno inglês com acompanhamento de harpas é o mesmo do 1º movimento, mas com tonalidade, feição e expressividade completamente nova.

Além disso, a parte central do 2º movimento é um verdadeiro scherzo com o mesmo tema completamente transformado em seu aspecto rítmico, e com um trio que é uma rápida e amável mazurca. Podemos dizer portanto, que esse 2º movimento funde dois movimentos, o expressivo e o scherzo, acompanhando a lição da sonata para piano de Liszt. Nem faltam reminiscências da segunda ideia do primeiro movimento quase dissolvidas no ar como uma remota memória.

Música - Sinfonia em Ré, 2º movimento, Filarmônica do Sul da Alemanha, Henry Adolph.

O terceiro movimento começa com um tema novo, que afirma declaradamente a tonalidade de Ré maior, resolvendo assim o bipolarismo da forma sonata franckiana que no primeiro movimento oscila entre as tonalidades de ré maior e fá menor. Esse movimento é uma espécie de síntese de toda a sinfonia, retomando e desenvolvendo amplamente os temas dos dois movimentos anteriores ora com aspecto marcial, ora como uma recordação ritmicamente ampliada da primeira ideia do primeiro movimento confiada, quase no fim da sinfonia, às cordas graves da orquestra.

Música - 3º movimento.

A sonata em lá para piano e violino é das mais fascinantes de todo o repertório desse gênero. Parece uma síntese do melhor romantismo alimentado por uma extraordinária sabedoria contrapontística, alcançando um perfeito equilíbrio entre os dois instrumentos.

Intenso e dramático o segundo movimento cuja segunda ideia é evidenciada pelo piano num solo de rara beleza.

O segundo movimento é um allegro vivo e impetuoso. Franck acompanha aqui as experiências de vários românticos e principalmente de Brahms, colocando o

andamento expressivo no terceiro lugar, enquanto faz do primeiro andamento uma espécie de prólogo e do segundo o verdadeiro movimento em forma de sonata.

Música -Sonata para violino e piano, 1º e 2º movimentos. Violino Takako Nishizaki.

O terceiro movimento é um grande recitativo inspirado na mais pura e expressiva vocalidade, quase um dueto entre os dois instrumentos.

O último movimento finalmente é um daqueles milagres estruturais que acontecem de vez em quando, e que podem ter o seu ponto de partida no último movimento da Sinfonia Júpiter de Mozart. De fato, o violino e o piano executam um cânon perpétuo do princípio ao fim do movimento. isto é, tocam exatamente a mesma coisa a distância de um compasso um do outro

É um complexo artifício contrapontístico que provém de um longo trabalho de elaboração.

Mas o que importa é que a gente esquece esse artifício em função da extraordinária beleza da melodia e do seu desenvolvimento.

Música - Sonata para piano e violino 3º e 4º movimentos, violino Jenő Jandó.

O nosso encontro com Franck nos afastou da Viena romântica de Schubert e de Brahms. Mas o charme de Viena não nos abandonou e a ele voltamos num rápido panorama da valsa que justamente sai de Viena para se espalhar pelo mundo.

Confiamos esse panorama ao nosso já conhecido pianista Eduardo Hazan, começando pelas curtas e deliciosas valsas de Schubert.

Música -

Ao fascínio da dança não foi insensível o grande operista alemão Carl Maria von Weber. O seu Convite à valsa é uma verdadeira exaltação da própria dança, precedida por uma expressiva introdução, quase o elegante convite de um cavaheiro à dama.

Música -Convite à valsa.

Uma curiosidade: uma valsa de Godowsky, grande pianista do século passado que se divertiu a encher de complicações virtuosísticas peças famosas do repertório romântico. A valsa intitula-se Alt Wien, isto é, Velha Viena e é homenagem à capital dessa dança.

Música.

A valsa entrou no nosso século, tocou de leve Debussy, entristeceu-se com Sibelius e encontrou uma espécie de resumo histórico com Ravel na peça intitulada Valses

Nobles et Sentimentales que o próprio Ravel estreou em Paris como pianista, não muito bom na opinião de certos críticos más línguas.

A peça é fascinante pelo seu caráter de evocação e sublimação da dança em pauta.

Música.

A valsa chegou também ao Brasil onde foi tratada por muitos autores inclusive contemporâneos e onde assumiu feições deliciosamente cariocas com sabor de violão, nas valsas de esquina de Francisco Mignone. Dele vamos ouvir a Valsa de Esquina nº 5.

Música.

Completamente diferente é o espírito da valsa em Chopin, e a valsa francesa, típica música de salão, a mais brilhante e viva, sem as típicas suspensões da tradicional valsa vienense e com feição declaradamente pianística.

Música - Grande Valsa Brilhante.